

A INVEJA EM ORGANIZAÇÕES DE TECNOLOGIA

Daniel Nascimento e Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

A inveja é uma característica humana que indica o grau de maturidade do indivíduo para lidar com o sucesso de outros indivíduos. Isso é assim porque ninguém de bom senso tem inveja do fracasso do outro. Nos indivíduos maduros, a inveja é praticamente inexistente; nos indivíduos medianamente invejosos, este pecado capital é direcionado para objetivos específicos benéficos às organizações de tecnologia; mas, naqueles de baixa maturidade, a inveja pode ser o início da destruição organizacional. Este artigo tem como objetivo mostrar as diferentes nuances da inveja nas organizações de tecnologia.

A inveja é um sentimento instintivo, animal, emocional, de ter o que o outro tem. A consequência desse sentimento é uma raiva profunda do outro ou uma tristeza que se aproxima da depressão no invejoso. O objeto da inveja, sua causa, não é propriamente o indivíduo, mas o que ele possui. O ódio que Adeveraldo (nome fictício) sentia por Emerecilda (nome fictício) não era por ela em si, mas por esta ter um carro de luxo, coisa que Adeveraldo não tinha. Quando Emerecilda não tinha o carro, era amiga íntima de Adeveraldo.

As atitudes do invejoso se aproximam das de uma criança de até cinco anos. Muitas crianças, ao verem outra criança com determinado objeto, são instintivamente direcionadas para o objeto com a finalidade de tomá-la da outra. Ainda que estejam com algum objeto, deixam o seu para obter o objeto da outra. Se o objetivo é alcançado, se a criança obtém o objeto desejado, regozija-se, se não, também instintivamente lança mão do choro, recurso animal, enquanto princípio de chantagem emocional.

Argeu Ostógio (nome fictício) é gerente de pesquisa e desenvolvimento de uma indústria amazonense. Faz seu trabalho normalmente: não chega atrasado, não sai antes do horário; não trata mal as pessoas, mas também não as trata com amor; às vezes alcança as metas, muitas vezes não. Mas tem uma coisa que lhe deixa incomodada: o sucesso de seus subordinados, qualquer que seja ele. Quando um de seus pesquisadores publica um texto, ainda que seja no jornal da empresa, Argeu passa dias enfurecido e chega até a adoecer em decorrência do sucesso do outro.

Houve casos em que Argeu sabotou as metas de seus subordinados mais brilhantes porque não conseguia conter seus instintos invejosos. Intimamente sabia que poderia alcançar o sucesso que os outros alcançavam, mas não estava disposto a ficar depois do expediente para estudar casos específicos e muito menos deixar de se embriagar durante os finais de semana para as reuniões dos grupos de estudos com profissionais de outras indústrias. Queria o sucesso, mas não estava disposto a pagar o preço por ele. Essa é a inveja destrutiva, que levou a indústria de Argeu quase à falência.

Etelvina Margarina (nome fictício) é uma professora de sucesso. Suas aulas estão sempre cheias de alunos, até de outras escolas públicas, dificilmente alguém falta; o desempenho de seus alunos em concursos públicos é flagrantemente bem sucedido; inova quase sempre em estratégias didáticas; é reconhecida como boa professora não apenas na sua escola, mas em sua cidade, os jornais de seu Estado falam dela e suas ideias têm ampla aceitação em todo o País. Por mais incrível que isso possa parecer, a razão de seu sucesso é a inveja.

Dois situações ilustram esse tipo de inveja. Certa vez Etelvina ouviu falar de uma nova metodologia para o aprendizado de determinado tipo de cálculo. Não contou duas vezes: na mesma semana foi ao Sudeste brasileiro falar pessoalmente com a pesquisadora que tinha criado e testado com sucesso a nova metodologia. Aprendeu com a própria autora como utilizar a metodologia e a usa efetivamente em suas aulas, melhorando ainda mais o desempenho de seus alunos. A segunda situação foi material: quando soube que um professor de uma escola vizinha utilizava determinado tipo de jogo para suas aulas com sucesso, Etelvina comprou com seus próprios recursos o jogo para utilizá-lo em suas aulas para melhorar o desempenho de seus alunos. Essa é a inveja boa.

A inveja patológica, enquanto doença, causa no invejoso uma profunda dor por não ter ou ser o que os outros têm ou são. O invejoso, no fundo, é um ignorante, por mais instruído que seja. Ele ignora o fato de que todo sucesso é fruto, consequência, de investimentos feitos no passado. Ele não entende que o que o outro possui ou teve um preço que, certamente, ele não está disposto a pagar. É isso o que dói profundamente no invejoso: não querer pagar pelo sucesso ou objeto que deseja do outro. É como as crianças da primeira idade: querem porque querem. E ponto!

A inveja normal é a que move a maioria dos seres humanos para o alcance de seus objetivos ou das metas de seus projetos de vida. O que os outros têm ou são servem apenas de

inspiração, modelo, referência para o que estão dispostos a ter ou ser. Aqui o indivíduo sabe o preço a pagar pelo que quer e está disposto a fazer o investimento para tal. Muitas vezes entra em contato e recebe o apoio e ajuda do próprio indivíduo invejado. Estrutura, com essas atitudes, um comportamento maduro com os seus desejos.

Indivíduos verdadeiramente maduros não têm inveja. São extremamente raros. Elaboram seus projetos de vida e os seguem como fruto de racionalização de procedimentos da mesma forma que planejam um jantar ou uma viagem. Geralmente são solidários, alegres, muitas vezes divertidos, dificilmente se enraivecem e deixam transparecer um ar de segurança e amor que raramente se encontra no dia-a-dia.